

EXPOSIÇÕES

Teatros de guerra

O que sobra da guerra colonial? As artes começam a avaliar um trauma nacional com uma distância que a ficção intensifica

Texto Celso Martins



"Marcha Lenta, 2009-2010",
fotografia de Manuel Botelho
na Fundação PLMJ

A guerra colonial entrou a medo na literatura e nas artes portuguesas. Aqui e ali, no romance (Lobo Antunes, Lídia Jorge), na poesia (Gastão Cruz, Fernando Assis Pacheco), pouco ou nada nas artes plásticas (Clara Menéres), ela surgia, nos anos imediatamente subsequentes sobretudo como testemunho na primeira pessoa. Que nos últimos anos nos tenham chegado obras que colocam a questão num plano ficcional e, porventura, mais distanciado, deve ser sinal de que a nossa memória coletiva está a processar o assunto alhures noutra patamar, menos traumatizado. Pode dizer-se isto, por exemplo, a propósito do aclamado romance "O Retorno" de Maria Dulce Cardoso sobre o regresso dos colonos portugueses mas também sobre a série fotográfica que Manuel Botelho vem de-

envolvendo nos últimos anos e da qual apresenta agora uma síntese na Fundação PLMJ.

A política não chegou à obra de Manuel Botelho com esta recente adoção do suporte fotográfico. E o mesmo vale para o tema da guerra. A pintura que praticava nos anos noventa estava povoada pela noção de conflito, por referências explícitas à cidade enquanto palco de confronto social, ao capitalismo e à guerra. O que mudou não foi tanto o universo de referências, mas uma maior focagem num assunto específico e o surgimento de um tipo de *mise en scène* que de algum modo a fotografia impôs.

Desde logo, é relevante o facto de esta fotografia não ter um carácter testemunhal. Primeiro porque não é de época; depois porque Manuel Botelho nunca esteve na guerra colonial. É à luz desta distância — supõe-se que, à

vez, libertadora e opressiva — que podemos ler o teatro de indícios que estas imagens instauram.

Afastadas de qualquer documentalismo, estas fotografias parecem provir bem mais de uma vontade de recriar uma atmosfera do que de agitar a enésima denúncia dos horrores da guerra.

Imaginar a guerra é descer aos contornos de uma atividade absurda e grande parte dessa atividade passa por estar, simplesmente, à espera. À espera de ordens, de entrar em ação, um estar no limbo onde cada um vive, sobretudo, consigo. Talvez por isso muitas destas imagens sejam atravessadas por espessas camadas de tédio. Em algumas espalham-se cartas de jogar, gira-discos, cigarros, cerveja num processo de disposição que lembra os *tableaux piéges* — de Daniel Spoerri e materializa a atmosfera de desordem tolerada na linha da frente. Outras são mais enfáticas como aquelas que, respetivamente, mostram a fotografia de uma madrinha de guerra cortada à tesoura; um maço de correspondência atado com cordel; as célebres e pesadas espingardas Mauser ou um caixão coberto com a bandeira nacional sobre a qual caem confetes. Estas são mais teatralizadas mas nem por isso desce sobre elas o manto moralista que encolheria, certamente, o seu poder de interpelação. E se esse era um dos obstáculos a contornar nestas imagens, outro era o de evitar uma gravidade associada à guerra que esquece por vezes que ela é feita por seres humanos. É por isso que algumas destas imagens — aquelas que mais fundo vão na tentativa de resgatar a psicologia desequilibrada da guerra — se aproximam perigosamente da momicidade sem nunca se lhe entregarem completamente, como nas cenas mais sexualizadas em que Botelho, ele próprio ator das suas imagens, traz um sutiã vestido ou beija um manequim.

Estas imagens atingem-nos precisamente porque não são literais nem realistas, no sentido em que não tentam uma reconstituição fidedigna da guerra como contexto ou acontecimento, mas desenvolvem uma projeção dos seus fantasmas essenciais. Fernando Assis Pacheco dizia no poema "Monólogo e explicação": "Dizem que a guerra passa: esta minha passou-me para os ossos e não sai." Talvez que para que ela saia de lá a tenhamos de mastigar coletivamente as vezes que for preciso até podermos regurgitá-la de vez. **A**

★★★★

CONFIDENCIAL/DESCLASSIFICADO

Manuel Botelho
Fundação PLMJ, Lisboa, até 7 de julho
Tel. 213 197 300
www.fundacao-plmj.pt